

## **Ensino de Jornalismo Contextualizado com o Semiárido no Sertão do Piauí<sup>1</sup>**

Lana Krisna de Carvalho MORAIS<sup>2</sup>  
Universidade Estadual do Piauí – UESPI, PI.  
Instituto de Educação Superior Raimundo Sá- IESRSÁ, PI.

### **RESUMO**

O semiárido brasileiro é um território diverso e ao mesmo tempo singular, marcado por lutas e contradições históricas, além de representações caricatas construídas ao longo dos anos através da literatura, do cinema e da própria imprensa. De acordo com o IBGE (2018, online), este “é composto por 1.262 municípios, dos estados do Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e Minas Gerais”, de acordo com o órgão, entre os critérios para delimitação deste território está o percentual de precipitação pluviométrica, o índice de aridez e déficit hídrico como resultado do processo de evapotranspiração. Muito além dos elementos geológicos, o semiárido também é simbólico, diversas vezes representado no cinema e através do próprio jornalismo a partir de signos como miséria, violência, fanatismo religioso, seca, fome, coronelismo, como lugar inóspito, onde o sertanejo “antes de tudo, um forte” (CUNHA, 1995, p. 515), força e estratégia para sobreviver aos efeitos da seca, fenômeno natural e previsível, para o qual foram desenvolvidas e implantadas políticas públicas ao longo dos anos, permitindo ao povo sertanejo possibilidades de convivência com o seu território. Com a mudança na abordagem “combate à seca” para “convivência”, o semiárido passa dar novo significado ao pertencimento, novos conhecimentos são produzidos sobre a região, com destaque às características naturais, potencialidades e riquezas, as universidades dedicam esforços científicos para compreensão e transformação de um território tão singular, o único semiárido do planeta que abriga o bioma Caatinga, entretanto, a imprensa continua reproduzindo

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 6 - Interfaces Comunicacionais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 18 a 20 de maio de 2022.

<sup>2</sup> Professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí UESPI-PICOS, Professora e Coordenadora no Instituto de Educação Superior Raimundo Sá, Mestre em Educação pela UPE. email: [lanakrisna.lm@gmail.com](mailto:lanakrisna.lm@gmail.com)

velhos signos, com imagens de solo rachado, carcaça de animais e fome. Para transformar este cenário, os cursos de Jornalismo do Instituto de Educação Superior Raimundo Sá (IESRSÁ) e Universidade Estadual do Piauí (UESPI), situados na cidade de Picos, sertão piauiense, decidiram pela implantação das disciplinas Jornalismo Contextualizado com o Semiárido (IESRSÁ) e Políticas Públicas e Desenvolvimento do Semiárido (UESPI), a primeira ministrada como disciplina obrigatória desde 2015 e a segunda como disciplina optativa, sendo ofertada pela primeira vez no ano de 2021. Partindo do contexto apresentado, esta pesquisa tem como problemas: quais foram as mudanças provocadas na formação de jornalistas no sertão piauiense a partir das disciplinas voltadas para o semiárido? Quais os recursos utilizados no processo formativo? E quais os principais desafios apontados pelos acadêmicos ao longo das disciplinas? Dessa maneira, o objetivo geral do estudo é analisar as mudanças provocadas na formação dos acadêmicos de Jornalismo da UESPI e IESRSÁ a partir das disciplinas voltadas para o semiárido, e os objetivos específicos são: identificar os recursos utilizados no processo formativo; apresentar os principais desafios reportados pelos acadêmicos ao longo das disciplinas e, por fim, elencar os principais resultados obtidos ao longo desses anos. No que tange os procedimentos metodológicos, este trabalho é composto por pesquisa qualitativa e bibliográfica, como método para coleta de dados fizemos uso da observação participante, visto que esta pesquisadora ministra as disciplinas nas duas instituições. O semiárido brasileiro recebeu diversas terminologias e representações ao longo da história, como Nordeste seco, lugar situado no Polígono da Seca, território de miséria, espaço de migrantes, marcado por violência, dominado por coronéis, entre outras. Com o semiárido piauiense não foi diferente, especialmente por pontuar entre os estados mais pobres do Brasil, com baixas taxas de desenvolvimento humano. É válido destacar que as marcas da pobreza e baixo desenvolvimento foram estrategicamente associados aos “problemas” climáticos da região, mais especificamente às características naturais do semiárido, que se organiza entre o tempo chuvoso e tempo seco, com irregularidade nas precipitações pluviométricas. Se pararmos para questionar, todas essas características já são previsíveis sobre a região, por que a sociedade ainda sofre com o impacto da estiagem ou das secas? Outro questionamento que pautou a implantação das disciplinas reside em saber que existem países localizados em territórios desérticos, ainda assim são

desenvolvidos. Seria a falta de chuva o verdadeiro problema do semiárido brasileiro? “Os problemas sociais da população do Semiárido brasileiro não são consequências do clima ou da ausência de chuvas. Deve-se considerar que a economia piauiense e sua organização espacial desenvolveram-se a partir da pecuária extensiva implantada” (ALENCAR, 2010, p. 22), a autora também relaciona problemas como a agricultura de subsistência e a concentração fundiária entre os fatores que contribuíram historicamente para pobreza local. Alencar (2010) explica que durante o período de colonização, o Piauí passou quase dois séculos relegado ao esquecimento e que ao contrário dos outros estados do Nordeste, a expansão do nosso território se deu do interior para o litoral, em virtude da implantação das grandes fazendas de gado, que acabaram dando origem às primeiras vilas. Processo marcado pelo extermínio da população nativa, as tribos indígenas que habitavam o território. “A exemplo do que ocorreu no Brasil, o Piauí herdou do período colonial um legado de exclusão social no qual o extermínio da população nativa e a escravidão são as raízes mais fortes” (ALENCAR, 2010, p. 35). Com base nos dados apresentados, passamos a observar as contradições existentes sobre o território semiárido, de forma específica o semiárido piauiense, que conta com diversos potenciais hídricos, minerais e naturais, conforme pode ser observado no Mapa de Geodiversidade do Estado do Piauí<sup>3</sup>, ainda assim disputa os índices mais baixos de desenvolvimento com os estados do Maranhão e Alagoas. Essas contradições são ocasionadas pela lentidão econômica, políticas públicas que não dialogam com as demandas locais, práticas assistencialistas, baixo número de pesquisas e tecnologias para resolução de problemas locais e ausência de educação que compreenda a complexidade do território, com suas possibilidades, singularidades e riquezas. “Essa situação é constatada e debatida há muito tempo. Na maioria das vezes, porém, os diagnósticos e proposições referem-se ao semiárido como um espaço-problema, terra das secas, explicação do atraso econômico regional” (SILVA, 2010, p. 64), neste cenário, o sertanejo, homem simples e rico em conhecimento pela experiência, muitas vezes distante dos espaços formais de educação, passa a associar as problemáticas locais ao desejo divino e não ao falho modelo de desenvolvimento. A imprensa por sua vez contribui para os estigmas e representações, quando mediatiza apenas o sertão das

---

<sup>3</sup> <https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/14708>

calamidades. Durante as intervenções das disciplinas Jornalismo Contextualizado com o Semiárido e Políticas Públicas e Desenvolvimento do Semiárido, a primeira dinâmica realizada com os alunos se estabelece a partir da compreensão que a turma tem sobre o seu território, solicitando que buscassem notícias sobre o semiárido. Sem nenhuma surpresa, as notícias apresentadas retrataram os barreiros secos, carcaça de animais, mulheres com latas d'água, crianças comendo palma e municípios decretando situação de emergência por falta de chuva. Essas representações foram construídas ao longo da história de cada indivíduo a partir das vivências, das notícias consumidas sobre a sua região, além de outras interferências simbólicas, como o cinema. Para o pesquisador Edmerson Reis (2010), essa constatação pode de ser revertida, dependendo da vontade política de cada um, seja através da gestão dos estados e municípios, através de projetos, da educação ou da própria imprensa. Ao término da disciplina, ou pelo menos no seu encerramento oficial, já que os conhecimentos construídos continuam reverberando além do semestre letivo, cada discente apresentou resultados como reportagens, documentários, conteúdos para redes sociais, além de relatos de experiência. Sob esta ótica, as disciplinas se tornaram um “virar de chave” na concepção dos futuros jornalistas, que passaram a compreender melhor o seu lugar, fugindo da visão historicamente reproduzida pela mídia de que a pobreza do semiárido piauiense/brasileiro está atrelada à seca, passando a compreender que os desafios estão diretamente ligados à organização da sociedade, questões fundiárias, ausência de educação e tecnologia contextualizadas para o desenvolvimento local, os estudantes analisaram criticamente o reflexo das políticas públicas verticalizadas, que não atendiam às necessidades da população e fortaleciam o assistencialismo político, dando forças às antigas elites que se perpetuaram no poder à custa da miséria. Os principais recursos utilizados ao longo das disciplinas foram reportagens locais, regionais e nacionais, filmes, além dos sites Sertão de Dentro<sup>4</sup> e Vem Ver o Semiárido<sup>5</sup>, que atuam como espaços para prática laboratorial a partir da produção e veiculação de notícias e reportagens, fazendo uso de elementos multimidiáticos sobre este novo semiárido, algumas destas com reverberação estadual. Os principais desafios elencados pelos acadêmicos são: a ausência de disciplinas específicas para melhor compreensão do

---

<sup>4</sup> <http://www.sertaodedentro.com.br> (Site laboratório dos estudantes da UESPI).

<sup>5</sup> <http://www.faculdadersa.com.br/vemverosemiarido> (Site laboratório dos estudantes da IESRSÁ).

semiárido ainda na educação básica e a contínua reprodução estereotipada do semiárido na mídia, contribuindo para construção de ranço e sentimento de não pertencimento ao seu território. Dentre os resultados obtidos ao longo desses anos é possível elencar a expansão dos estudos e pesquisas nos cursos, incluindo diversas produções científicas apresentadas em congressos de comunicação, possibilitando para comunidade acadêmica estudos inéditos sobre o tema; colaboração na construção de livro didático do ensino fundamental com reportagem produzida por acadêmicos; além da influência nas temáticas escolhidas pelos acadêmicos no trabalho de conclusão de curso; incentivo à formação continuada com a aprovação de ex-alunos em programas de mestrado a partir dos temas trabalhados.

**PALAVRAS-CHAVE:** ensino; jornalismo; semiárido.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, Maria Tereza de. **Caracterização da Macrorregião do Semiárido Piauiense.** *In* Semiárido Piauiense. INSA. Campina Grande: 2010.

\_\_\_\_\_, Maria Tereza de. **Considerações Sobre a Formação, Organização do Território e da Sociedade Piauiense.** *In* Semiárido Piauiense. INSA. Campina Grande: 2010.

CUNHA, Euclides da. **Obra completa.** Org. Afrânio Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

GOVERNO DO PIAUÍ. Mapa Geodiversidade do Estado do Piauí. Disponível em: , <https://rigeo.cprm.gov.br/xmlui/handle/doc/14708>> Acessado em: 20 de fevereiro de 2021.

IBGE. **Organização do Território:** semiárido brasileiro. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/estrutura-territorial/15974-semiarido-brasileiro.html?t=sobre>>Acessado em: 20 de fevereiro de 2021.

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação para a Convivência com o Semiárido:** desafios e possibilidades. *In* Semiárido Piauiense. INSA. Campina Grande: 2010.

SILVA, Roberto Marinho Alves da. **Concepções de Desenvolvimento:** convivência e sustentabilidade no semiárido brasileiro. *In* Semiárido Piauiense. INSA. Campina Grande: 2010.